



Reflexões sobre a prática da interdisciplinaridade em cursos de Turismo ¹

Catherine Cavalcanti Margoni²

Universidade Paulista – UNIP

Resumo

O trabalho com a interdisciplinaridade sob a ótica do docente que atua no curso de turismo em diversas instituições de ensino superior é o objetivo principal dessa pesquisa, caracterizada por um estudo exploratório de casos múltiplos, entrevistas com especialistas, levantamento bibliográfico e pesquisa de campo, adotando-se procedimentos de pesquisa participante e de pesquisa ação. Os dados foram posteriormente analisados mediante o confronto com as referências teóricas. A conclusão da pesquisa demonstra os diferentes aspectos envolvidos na dinâmica de relacionamento pessoal entre os atores da prática interdisciplinar.

Palavras-chave: Educação; Interdisciplinaridade; Turismo; Formação profissional; Hospitalidade.

Introdução

O artigo aqui apresentado foi extraído da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, sob orientação da professora Dra. Ada Dencker, que teve como tema principal a prática da interdisciplinaridade em cursos superiores de Turismo em Instituições Superiores da Grande São Paulo. A idéia de estudar a interdisciplinaridade e suas práticas em cursos de graduação de turismo surgiu da experiência vivenciada pela pesquisadora como docente em cursos superiores de turismo.

A metodologia adotada para essa pesquisa pode ser denominada como um estudo exploratório de casos múltiplos, utilizando-se as técnicas de pesquisa participante e de pesquisa-ação, pois para obter subsídios que permitissem esclarecer ainda que parcialmente a problemática levantada, foi necessário encontrar procedimentos metodológicos que possibilitassem abordar não somente as experiências como docente, na sala de aula, mas também as questões envolvidas em todo o processo que se inicia com a concepção de um projeto interdisciplinar e termina com os resultados obtidos com sua implantação.

¹ Trabalho apresentado ao GT – Outras Interfaces do IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo.

² Bacharel em Turismo, Pós-graduada em Ecoturismo e Mestre em Hospitalidade. Professora e coordenadora do Curso de Turismo da Universidade Paulista. Pesquisadora na área de educação dentro do Turismo, com foco em interdisciplinaridade e formação profissional do aluno. Endereço eletrônico: catherine.margoni@terra.com.br.



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

Com essa abordagem metodológica foi possível aprender e, ao mesmo tempo, pesquisar na prática os procedimentos adotados em projetos destinados a desenvolver a interdisciplinaridade, registrando a vivência cotidiana do projeto em três perspectivas: a primeira, didática desenvolvida na sala de aula em ação com os alunos, a segunda, administrativa referia-se às relações com a coordenação, e a terceira, focava o relacionamento da pesquisadora com os professores responsáveis pelas demais disciplinas, pretendendo assim, contribuir para a construção de um conjunto de conhecimentos que permita propor melhorias para as práticas interdisciplinares existentes nos cursos superiores de turismo, como por exemplo, a redução da fragmentação dos cursos e as formas de contratação e remuneração dos professores.

Foram formuladas as seguintes hipóteses cujas origens se encontram nas evidências empíricas: os projetos interdisciplinares são tratados de forma fragmentada nos cursos superiores de turismo, gerando uma abordagem multidisciplinar e não uma ação interdisciplinar; e os corpos docentes dos cursos de turismo das instituições analisadas não trabalham as possibilidades pedagógicas das práticas interdisciplinares, conforme as bases conceituais que fundamentam essas práticas.

Os resultados obtidos possibilitaram a confirmação dessas hipóteses, pelo menos nos casos nos quais a pesquisa de campo foi realizada, pois os projetos interdisciplinares observados foram sim tratados de forma fragmentada nesses cursos de turismo analisados, gerando, na melhor das hipóteses, uma abordagem multidisciplinar e não uma ação interdisciplinar. Além disso, os corpos docentes dos cursos de turismo das instituições analisadas não trabalham as possibilidades pedagógicas das práticas interdisciplinares, conforme as bases conceituais que fundamentam essas práticas. Não por desconhecimento ou por falta de comprometimento, mas sim, porque essa idéia fragmentada já vem da própria IES, através de seus diretores e coordenadores, que aparentemente não sabem de fato o que é e como trabalhar com a interdisciplinaridade, não criando as condições necessárias para que a mesma aconteça. Embora esses resultados não possam ser generalizados, é importante lembrar que uma das instituições pesquisadas está entre as que mais crescem em São Paulo em número de alunos, principalmente em função do baixo preço das mensalidades, em um evidente processo de sucateamento da educação superior.

Ensino Superior de Turismo no Brasil



IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

Os cursos de turismo, no Brasil, surgiram na década de 1970, a partir do modelo de cursos já implantados em outros países, segundo Matias (2002), “o primeiro currículo para cursos de turismo foi elaborado pelo Professor Domingo Hernandez Peña, após um levantamento realizado em escolas européias e adaptado à realidade brasileira”. (MATIAS, 2002, p. 3). Essa informação é confirmada pelo Professor Gabriel Mário Rodrigues, reitor da Universidade Anhembi Morumbi (UAM), em livro relatando o histórico dos cursos, publicado em 2005, no qual afirma que “O responsável pelo primeiro programa de uma faculdade de Turismo do Brasil, da América Latina e do mundo foi o senhor Domingos Hernandez Peña”. (RODRIGUES, 2005, p.55). É importante destacar, nessa última citação, a afirmação de que o Brasil foi pioneiro na oferta de cursos de turismo de nível superior não apenas na América Latina como mesmo em âmbito mundial.

Segundo os autores consultados isso se deu porque a atividade turística estava em expansão e havia a necessidade de mão-de-obra especializada em nível superior para atender aos interesses do poder público, que via no desenvolvimento do turismo uma oportunidade de crescimento. Nessa época, o turismo era visto como um fator importante de desenvolvimento econômico, estando em sintonia com a política do período, pois “havia uma conjuntura política de ditadura militar, voltada para a economia de mercado e com ideologia desenvolvimentista”. (BARRETO, TAMANINI, SILVA, 2004, p.52).

Essa atmosfera fez com que o curso superior de turismo surgisse no Brasil com características diferentes, constituindo uma área autônoma de formação, enquanto que em outros países, o turismo era estudado como uma extensão de outros cursos, principalmente de administração hoteleira ou mesmo como disciplina integrando o conteúdo de cursos como Administração ou Geografia.

O Parecer n. 35/71 deu origem à Resolução s/n de 28/01/71, do Conselho Federal de Educação, que fixou o conteúdo mínimo e a duração do curso superior de turismo. Uma outra característica dos cursos de turismo destacada por Matias (2002) foi o fato de que os primeiros cursos foram implementados em unidades universitárias autônomas, estando geralmente ligados aos novos cursos criados no mesmo período de comunicação e artes. A tendência era a formação de mão-de-obra para os setores novos que se desenvolviam no país e o turismo foi percebido como uma opção por um grupo de professores que identificou a necessidade de inserir no mercado um curso de que atendesse à demanda de profissionais para a área, considerada promissora em um país com amplos recursos naturais. Essa percepção deu origem ao primeiro curso de turismo do país o qual foi oferecido em uma instituição particular

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM- 27 a 28 de agosto de 2007
de ensino, seguindo outra tendência ocorrida no período que foi a abertura de oportunidade para a oferta de cursos de nível superior por instituições privadas. Como relata Rodrigues (2005), “Os alunos estavam à procura de uma nova opção, uma nova oportunidade de mercado”. (RODRIGUES, 2005, p.86).

Essa independência dos cursos de turismo foi questionada após sua criação e regulamentação por meio da legislação acima citada, havendo propostas para que o turismo fosse inserido em áreas consolidadas, como a de Administração de Empresas ou a de Educação Física. Devido às especificidades do ensino no Brasil e da realidade do turismo, diferente daquela existente nos países que foram base para a criação do curso brasileiro, como alguns países da Europa e os Estados Unidos, essa idéia foi abandonada e o curso prosseguiu de forma independente, em alguns casos associado aos cursos de comunicação, em outros ao de administração, ficando essa associação a critério das instituições de ensino. (MATIAS, 2002).

Especialmente em São Paulo, a demanda pelo curso nos primeiros anos em que foi oferecido, foi intensa, despertando o interesse dos empresários de educação, responsáveis por instituições particulares de ensino superior que passaram a investir na criação de cursos de formação para o turismo. Essa procura inicial, entretanto, não se manteve e começou a decair a partir de 1976, quando:

[...] ocorre uma queda sensível no número de ingressantes devido a uma série de fatores socioeconômicos. A conjuntura nacional produzia mais uma de suas crises cíclicas, provocando desempregos, queda do poder aquisitivo nas classes média e baixa e aumento das mensalidades escolares. (MATIAS, 2002, p. 5).

Segundo Matias (2002), essa queda se refletiu em uma redução do número de formandos a cada ano, especialmente no período de 1974 a 1980, como consequência da conjuntura econômica, acompanhando a tendência geral de todos os cursos, não sendo assim, uma característica apenas do curso de turismo, mas sim da realidade do ensino superior brasileiro como um todo.

O turismo que havia sido relegado a segundo plano na década de 1980, passou a ser novamente tratado como um fator de desenvolvimento econômico, criando assim, uma consciência maior de seu significado o que acarretou um reconhecimento de sua importância econômica e social. A atividade passou a ser vista como fonte geradora de empregos e de desenvolvimento e sua importância ficou mais evidente, provocando novo interesse pela

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007
demanda de vagas no ensino. A isso, as IES responderam com a oferta de diversos novos cursos, procurando formar mão-de-obra qualificada para atender às exigências do setor, como os cursos de Hotelaria, por exemplo. Porém, cabe ressaltar que não foram somente os cursos de turismo que se expandiram nesse período, vários outros cursos também cresceram, pois a realidade brasileira havia mudado e o crescimento na oferta de cursos de nível superior foi generalizado.

Esse incremento de novos cursos causou uma grande oferta de vagas que resultou no fechamento de alguns deles a partir de 2003. A concorrência no mercado de educação tornou-se acirrada em virtude da redução da demanda forçando uma queda no número de vagas, fato esse que pode ser atribuído à política econômica recessiva implementada no Governo de Luiz Inácio Lula da Silva, na mesma linha do governo anterior, que reduziu o poder de compra da classe média³.

Segundo Ansarah, já em 2002, era possível visualizar a tendência de fechamento de alguns cursos de turismo, como a autora coloca “fato este, decorrente talvez, da diminuição de interesse da demanda e/ ou da inexistência de qualidade em alguns cursos”. (ANSARAH, 2002, p. 121).

A estrutura curricular dos cursos de turismo foi evoluindo e se adaptando ao longo do tempo. Barreto, Tamanini, Silva (2004) destacam as mudanças dos cursos na busca de uma melhor adequação as demandas do mercado “atualmente vemos surgir um novo paradigma educacional, o do desenvolvimento das competências, para atender às demandas de um mercado que precisa de profissionais adaptáveis às constantes modificações da sociedade pós-industrial”. (BARRETO, TAMANINI, SILVA, 2004, p.67).

Essa questão de competências e habilidades vem sendo discutida em vários cursos superiores, numa tentativa de reestruturação para o mercado, que deve passar não só pela revisão dos conteúdos, mas também da formação de profissionais para o ensino de turismo, pois apesar dos mais de trintas anos de vida – e ainda ser jovem, os cursos de turismo carecem de docentes preparados para atuação nas disciplinas profissionalizantes.

As tendências para a educação do século XXI passam pelo desenvolvimento de competências, que focaliza a necessidade de preparação do ser humano para a vida na sociedade atual. Perrenoud (2000) define competência como “a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos – como saberes, habilidades e informações – para solucionar

³ O ensino superior privado no Brasil cresceu 82,94% no período compreendido entre 1999 e 2004. Jornal Valor – 10/11/2005, p. A 14.

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007 com pertinência e eficácia uma série de situações”. Partindo dessa definição, construir competências no turismo, significa preparar o indivíduo para que o mesmo participe de forma mais ativa na sociedade em que está inserido.

Pode-se dizer que construir competências no turismo leva ao questionamento do processo educacional, uma vez que o conhecimento em turismo é multidisciplinar e que, cada uma das disciplinas utiliza-se de seus próprios conceitos e métodos. A interdisciplinaridade, nesse contexto, surge como uma forma de auxiliar a compreensão desse estudo, pois examinando um problema simultaneamente de diversos lados, capacita-se a uma compreensão holística, facilitando assim, a construção integral do sujeito.

É por meio dessa abordagem de ensino-aprendizado que é feita a discussão sobre os projetos interdisciplinares nessa pesquisa.

Interdisciplinaridade

O turismo é entendido como um campo interdisciplinar de estudos, pois sendo uma sub-área⁴ dentro das ciências socialmente aplicáveis, envolve conhecimentos oriundos de diversas disciplinas como Sociologia, Economia, Psicologia, entre inúmeras outras que poderiam ser aqui citadas. Isso faz com que a adoção de práticas interdisciplinares seja muito relevante para os Projetos Pedagógicos direcionados para a formação profissional no setor.

Para que se possa entender a razão do surgimento do movimento de interdisciplinaridade, torna-se necessário iniciar a discussão entendendo o conceito de complexidade, o qual se encontra intrinsecamente ligado ao conceito da interdisciplinaridade. Tanto um como o outro possuem origem no reconhecimento de que todas as relações que ocorrem nas sociedades estão interligadas e sujeitas a múltiplas influências, processo esse que é mais visível em contextos industrialmente desenvolvidos cujas bases se encontram no conhecimento técnico, altamente especializado, que caracteriza as sociedades capitalistas mais avançadas que concorrem no mercado global. Produtos altamente especializados necessitam de mão-de-obra capacitada não apenas para executar tarefas, mas também para entendê-las e promover o seu aperfeiçoamento de modo a preservar a competitividade no mercado global. Ocorre que a alta especialização decorre da fragmentação do conhecimento uma vez que é impossível dominar de forma ampla a totalidade dos conhecimentos existentes. A simplificação de modelos, que permite entender aspectos parciais da ciência e promove o

⁴ O Turismo é considerado pela tabela de áreas de conhecimento – TAC, adotada pelo CNPq como sub-área das ciências socialmente aplicáveis.



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007
desenvolvimento do conhecimento em áreas específicas, possui como consequência, a fragmentação das diversas visões científicas e seus respectivos conteúdos e isso compromete o desenvolvimento de visões mais abrangentes da realidade. O que se observa é que existe uma tendência de que os paradigmas de disciplinas ou ciências consideradas mais importantes por uma determinada sociedade influam sobre os demais acarretando uma visão simplificada da realidade o que provoca sérias distorções em detrimento da complexidade que forma de fato a realidade social. O reconhecimento da complexidade dessas relações e o entendimento de que ela não pode ser reduzida ao paradigma da simplicidade (que normalmente fundamenta uma única ciência ou disciplina), estão na base da idéia de que a formação das pessoas precisa ser de natureza interdisciplinar.

Com isso, a complexidade tem sido reduzida aos fenômenos que fazem parte de um campo de saber que pressupõe uma idéia central ou até mesmo um paradigma único dentro de um mesmo campo de saber, deixando de contemplar outras visões e outros saberes que poderiam contribuir para uma compreensão melhor do que os fenômenos querem dizer.

É possível observar na história, a existência de muitas tentativas de mudança do pensamento que divide sujeito e objeto, no entanto, a história da ciência é vista como um processo descontinuado. Isso não se dá apenas com relação à história da ciência, mas ocorre também entre as diferentes disciplinas e ciências, o que reduz as possibilidades de integração entre os diferentes discursos científicos, negando assim, a possibilidade de utilização de métodos e conhecimentos presentes em campos de estudo que sejam diferentes entre si.

O conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido. Para ter sentido, a palavra necessita do texto, que é o próprio contexto, e o texto necessita do contexto no qual se enuncia. (MORIN, 2003, p.36)

Tanto complexidade quanto interdisciplinaridade buscam o entendimento do todo, e vão além dos contextos. É a visão maior e não limitada de uma situação ou problema. Na verdade, é a concepção da sociedade em que estamos inseridos, a partir da organização estruturada e da idéia de que o todo é ao mesmo tempo organizado e desorganizado. (VASCONCELOS, 2002; MORIN, 2003).

Assim, o conhecimento para ser pertinente, deve enfrentar a complexidade que se apresenta: “há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico)”.



IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007 (MORIN, 2003, p.38) O entendimento não dissociativo das partes contribui para a compreensão do todo.

Dessa maneira, a especialização, que estuda as partes dissociadas do contexto mais amplo, contribui para o enfraquecimento da responsabilidade – cada um é responsável pela tarefa que lhe compete. O recorte das disciplinas, proposto pela especialização, impossibilita a aprendizagem do todo, conseqüentemente, a perda da complexidade acontece. “O princípio da redução leva naturalmente a restringir o complexo ao simples”. (MORIN, 2003, p. 42).

Partindo da idéia de que a educação deve estar pautada no sistema produtivo, ou seja, de que os indivíduos devem ser formados para integrar-se à estrutura formal de trabalho, as escolas e universidades foram sendo criadas para atender às demandas que se apresentavam. Os campos de saber eram divididos em departamentos e institutos, cada qual sendo responsável por pensar em um determinado elemento da sociedade (econômico, social, cultural, ambiental etc), gerando a concepção de que a educação só acontece através da separação e fragmentação do conhecimento em disciplinas.

Essa visão surgiu a partir do desenvolvimento industrial das sociedades, que exigiu, cada vez mais, profissionais específicos para determinadas atuações. O conhecimento técnico e científico emergiu como uma nova forma de poder, passando a ser mais valorizado. E para que os indivíduos tivessem esse conhecimento específico, a educação passou a ser organizada de maneira a atender essa nova exigência do mercado de trabalho.

Porém, com o processo de globalização, aliado à evolução tecnológica, transformações nessa concepção de educação fizeram e ainda se fazem necessárias. O sistema de ensino passa por modificações até em seus objetivos, que eram de atender à demanda de pessoal qualificado exigida pelo mercado de trabalho.

Assim, a educação superior deve ultrapassar a idéia de transmissão de conhecimento técnico para a formação das competências necessárias para que os alunos possam estar aptos a participarem do processo de construção do conhecimento. Processo esse que fica restrito quando reduzido a uma visão especializada. A concepção é de buscar uma educação qualificada, que atenda não somente a demanda de um mercado cada vez mais competitivo, mas também que não esqueça as necessidades individuais, sabendo que as pessoas diferem à medida que são inseridas nos vários sistemas sociais. Dessa forma, “o ensino não pode alienar-se da realidade na qual está inserido. [...] A escola, ao mesmo tempo em que é responsável pela conservação e transmissão do conhecimento, atua na sua transformação.” (DENCKER, 2000, p.46).



As visões mecanicistas devem ser superadas dando lugar a uma formação holística, capaz de gerar novas respostas e de criar alternativas promissoras, principalmente onde a desigualdade social é muito grande como no Brasil. (DENCKER, 2000, p.46).

Quanto mais as situações se mostram complexas, maior é nossa incapacidade de pensar complexamente, acarretando problemas cada vez maiores e, muitas vezes, sem propostas de solução.

A interdisciplinaridade no curso de turismo precisa ser uma categoria de ação possível de ser realizada, por meio dos diversos conhecimentos que se integram, possibilitando um referencial mais completo capaz de gerar ações mais abrangentes. Cabe aqui ressaltar que a prática interdisciplinar aqui proposta não é de engessamento de um projeto que dá certo em sua realização, mas sim de algo que supere as disciplinas e que, ofereça a quem o realiza, não apenas uma assimilação dos conhecimentos, mas a capacidade de mobilização desses conhecimentos visando a uma ação de qualidade em favor da realidade apresentada, pois o real cliente da universidade não são os alunos, mas toda a sociedade, que vê, nesse profissional, uma pessoa apta a realizar e satisfazer suas necessidades. Dessa forma, “O bacharel em turismo, em virtude de sua formação e das exigências de mercado, necessita transitar por todas as funções da administração, quais sejam: Planejar, Organizar, Dirigir/ Liderar e Controlar.” (LEMOS, 2002, p.99)

Não é possível estudar o ensino sem compreender as regras legais que estão na base de sua regulamentação. No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases – LDB (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996) dispõe sobre as diretrizes da educação nacional em todos níveis, incluindo a educação superior em instituições privadas que é abordada nessa pesquisa.

A LDB propõe a flexibilização da organização dos sistemas escolares e no artigo 43, ao iniciar o capítulo que trata da educação superior, dispõe sobre as finalidades desse nível de educação, dentre as quais, destacamos: “[...] VI – estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade.”

No que diz respeito especificamente ao curso de turismo, o que as Diretrizes Curriculares informam sobre o perfil desejado do formando é o que se segue:

De um profissional apto a atuar em mercados altamente competitivos e em constante transformação, cujas opções possuem um impacto profundo na vida social, econômica e no meio ambiente, **exigindo uma formação ao**



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

mesmo tempo generalista, no sentido tanto do conhecimento geral, das ciências humanas, sociais, políticas e econômicas, **como também de uma formação especializada**, constituída de conhecimentos específicos, sobretudo nas áreas culturais, históricas, ambientais, antropológicas, de Inventário do Patrimônio Histórico e Cultural, bem como o agenciamento, organização e gerenciamento de eventos e a administração do fluxo turístico. (Grifo nosso).

A interdisciplinaridade se torna essencial no curso superior de turismo, pois o bacharel deve ter uma visão global e saber que suas atitudes como profissional de turismo afetarão diretamente a sociedade. Antes de ser profissional em turismo, ele é cidadão e, como tal, não pode estar isento de sua responsabilidade perante a sociedade em que vive.

Projetos Interdisciplinares

No campo pedagógico, os projetos interdisciplinares são a forma mais comum de trabalhar a interdisciplinaridade tendo, por objetivo, organizar os conhecimentos aprendidos no contexto das diferentes disciplinas, em cada momento do curso, canalizando-os para o trabalho em equipe a fim de solucionar problemas de ordem prática. Assim, a cada período do curso os alunos são estimulados a trabalhar os conteúdos de todas as disciplinas em um único projeto que contemple todas as perspectivas disciplinares em um objeto interdisciplinar. Trata-se assim, da organização das atividades de ensino e aprendizagem.

O projeto pode surgir a partir da proposição de um problema, geral ou particular, de perguntas inter-relacionadas ou de uma temática que valha a pena ser pesquisada. O objetivo é que as soluções propostas possam superar os limites de uma disciplina, fazendo com que os alunos busquem a integração entre todas elas. Para tal processo ser efetivo, é preciso enfatizar a articulação da informação necessária para tratar o problema – objeto do estudo e os procedimentos metodológicos para desenvolvê-lo, ordená-lo, compreendê-lo e assimilá-lo.

Conforme foi relatado na introdução, a idéia dessa pesquisa era observar do ponto de vista do docente como se dava a integração no desenvolvimento do projeto interdisciplinar proposto para o curso de turismo. Para tanto, a pesquisadora utilizou a sua própria prática docente, realizada em duas instituições de ensino da Grande São Paulo, como objeto de pesquisa.

Nos dois casos estudados, a observação foi registrada pela pesquisadora em relatório de campo contendo informações, acontecimentos e situações sobre a vivência da pesquisadora com os projetos interdisciplinares. Esses relatórios permitiram registrar os dados no momento em que ocorriam, ou seja, como a prática era percebida pela pesquisadora antes que a mesma



IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

possuísse o conhecimento teórico necessário para efetuar uma reflexão sobre seus significados. Tal procedimento, realizado com a supervisão da orientadora, possibilitou uma análise retrospectiva interessante, não só do andamento da pesquisa, mas também do crescimento da pesquisadora, na medida em que a mesma passou de um olhar inicial ingênuo (sem a teoria) para um olhar crítico (com a teoria). As sensações e sentimentos expressos inicialmente e devidamente anotados foram o material básico para análise realizada em um segundo momento.

Procurando não restringir a análise apenas ao olhar do professor, foram também analisados os resultados obtidos pela prática interdisciplinar tomando por base material os relatórios dos trabalhos interdisciplinares produzidos pelos alunos, como fonte para ser submetida à análise documental. Uma das questões que inquietava a pesquisadora era saber se os trabalhos elaborados pelos alunos, no final do projeto, possuíam características que podiam ser consideradas como resultado de uma reflexão interdisciplinar, ou se eram apenas a reunião fragmentada dos diversos conteúdos que compunham a grade curricular. Para fazer essa avaliação a pesquisadora solicitou aos grupos de alunos a entrega de cópias dos relatórios gerais, reservando-se o material para que fosse analisado posteriormente.

Após essa primeira etapa, realizada no centro universitário, denominada de olhar ingênuo, caracterizado por uma atitude de observação participante em que a pesquisadora não realizou intervenções, mas apenas registrou o ocorrido, passou-se para a segunda etapa realizada na faculdade isolada caracterizada por uma atitude de intervenção, onde com base na experiência anteriormente vivida e em referenciais teóricos estudados, a pesquisadora passou a desenvolver um projeto interdisciplinar por ela proposto, anotando da mesma forma todos os resultados obtidos em relatório de campo. Essa segunda fase procurou desenvolver uma perspectiva crítica por meio da implementação e avaliação da ação com procedimentos que se aproximam das técnicas utilizadas pela pesquisa-ação.

Na primeira situação, em que a pesquisadora atuava como participante, a prática interdisciplinar ocorria com a elaboração de um projeto interdisciplinar para todos os semestres do curso de turismo, com exceção do último, em que os discentes deveriam pesquisar elementos propostos, com uma temática em comum entre as diferentes disciplinas do semestre. Assim, os discentes teriam de fazer as possíveis conexões entre o que foi estudado em sala de aula, em cada disciplina e construir um trabalho que contemplasse, não de forma fragmentada, o conhecimento e a vivência adquiridos na realização da pesquisa. Em teoria, a idéia do projeto interdisciplinar era essa.



Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, em que os projetos interdisciplinares são analisados por uma matriz de avaliação, não havia intenção de mostrar dados numéricos nem de estabelecer categorias de bons ou maus projetos, mas sim de investigar até que ponto a interdisciplinaridade vem sendo de fato trabalhada como uma categoria de ação, que busca um equilíbrio entre elementos gerais e específicos, uma nova forma de enxergar e pensar a realidade, mostrando respostas mais adequadas para as situações que se apresentam.

Os resultados obtidos na primeira instituição estudada, a partir uma matriz de avaliação, mostrou se que exige dos alunos que o projeto tenha coerência e consiga de fato caracterizar a interdisciplinaridade. Isso foi identificado na maioria dos trabalhos. Os alunos compreenderam o objetivo geral e souberam fazer um projeto quase interdisciplinar. Quase, porque para a interdisciplinaridade acontecer, precisa se caracterizar como uma categoria de ação, ou seja, os alunos não precisam apenas compreender, mas também serem capazes de mobilizar todo o conteúdo aprendido quando é instado a resolver problemas de natureza prática.

Na segunda instituição a implantação de um projeto interdisciplinar já havia sido tentada, porém não foi levada adiante. A idéia da pesquisadora foi a de readaptar o projeto existente e tentar aplicá-lo, levando-se em consideração as observações anotadas no primeiro semestre com a primeira instituição.

Alguns grupos chegaram próximos ao objetivo proposto, mas outros não souberam organizar um texto coerente com o que foi solicitado. A atuação da pesquisadora se deu na medida em que alguns grupos tiraram dúvidas em relação ao projeto, questionando objetivos, na tentativa de fazer um trabalho completo. Além dessa atuação junto aos alunos, a pesquisadora tentou conversar com os demais professores, mas não conseguiu obter resultados positivos.

Apesar de não ter obtido os resultados esperados pela pesquisadora, a experiência foi válida, pois foi possível avaliar, na prática, que a teoria estudada durante o Programa de Mestrado não era tão simples em sua aplicação, envolvendo uma complexidade que não pode ser superada por meio da implementação de projetos ocasionais, sem que professores, alunos e coordenação passem por uma fase de aprendizagem da própria dinâmica envolvida e suas interfaces com as demais exigências da vida acadêmica. É importante ressaltar que, na teoria, a proposta da interdisciplinaridade é viável, mas na prática encontra sérios obstáculos de realização que estão além de quem coordena o projeto. Muitas vezes, são problemas de ordem



IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007
subjetiva, como a integração entre todos os atores envolvidos: docentes, alunos e coordenação.

Considerações Finais

Acredita-se que as experiências aqui relatadas, ao mesmo tempo em que refletem a atuação da pesquisadora, também refletem a realidade de tantos outros docentes, que são contratados para atuar em IES na Região Metropolitana de São Paulo, e que não passam por nenhuma integração com a mesma, com outros docentes, com os alunos e, principalmente, com seus Projetos Políticos Pedagógicos, os quais muitas vezes formulam propostas de interdisciplinaridade, mas não têm claramente definidos seus conceitos e aplicações. E, provavelmente, se a interdisciplinaridade não estivesse mencionada nas Diretrizes Curriculares nem mesmo faria parte do Projeto Pedagógico de determinadas instituições.

Entender a interdisciplinaridade como sendo principalmente uma categoria de ação foi o maior desafio enfrentado pela pesquisadora que em um primeiro momento supunha, assim como a maioria dos alunos, que a mesma se referia a uma simples conexão de conteúdos. Atuar como docente e conseguir que o aluno aprenda a mobilizar todos os seus conhecimentos de forma integrada quando da resolução de um problema prático torna-se complicado quando as avaliações são fragmentadas por disciplina, somando-se a isso o desconhecimento do conteúdo trabalhado pelos demais colegas docentes além de não se ter acesso ao Projeto Pedagógico.

A pesquisadora observou, que de fato, existem docentes que não se comprometem com a instituição, mas talvez isso seja conseqüência da interferência de outros fatores como é o caso da forma de contratação que, na maioria das vezes, se dá por hora aula, sendo que é comum que o docente vá à IES apenas uma vez por semana e, de fato, não tem vontade ou não quer participar efetivamente da elaboração e formatação de um projeto interdisciplinar, até porque, ele não é remunerado para isso.

A partir da pesquisa realizada, principalmente na primeira instituição analisada, pode-se perceber que essa é uma realidade freqüente. Muitos dos docentes que deveriam solicitar aos alunos o projeto interdisciplinar, não sabiam o que pedir. Em algumas situações foi possível identificar que eram solicitadas aos alunos questões apenas relacionadas à disciplina, não ao curso. Percebe-se, dessa forma, que faltou um acompanhamento pedagógico para verificar o que de fato estava acontecendo.



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007

Essa vivência por parte da pesquisadora mostrou que nas reuniões pedagógicas, quando se falava do projeto interdisciplinar, não eram levantados pontos fortes e fracos, muito menos dado um auxílio aos docentes que tiveram dificuldades em realizar o projeto. E o projeto continuava do mesmo jeito, sendo reaproveitado para os semestres seguintes.

Na segunda instituição, em que a pesquisadora atuou como coordenadora do projeto interdisciplinar, a realidade não foi tão diferente, pois os docentes envolvidos manifestaram-se de duas formas: o que era bacharel em turismo entendeu a concepção do projeto e solicitou aos alunos o que foi sugerido e acompanhou o resultado parcialmente, o outro docente, vindo de outra área de conhecimento achou o projeto interessante, solicitou aos alunos o que foi sugerido, mas não acompanhou o resultado. Sendo assim, embora a situação não tenha gerado o resultado esperado pela pesquisadora, o fato é que o docente de outra área realmente não compreendeu o porquê de se fazer o projeto. Ele até participou, mas não conseguiu visualizar os resultados possíveis.

Outra questão relevante é que os bacharéis em turismo muitas vezes não estão aptos a desenvolver um projeto interdisciplinar de forma adequada, basta ver o caso da pesquisadora que encontrou uma série de dificuldades aqui discutidas. Talvez o bacharel em turismo tenha mais proximidade com as disciplinas do curso e daí, decorra um melhor entendimento para trabalhar com elas. Mas isso não é fato comprovado, pois nas instituições analisadas os dois tipos de docente estavam presentes e os resultados não foram satisfatórios como poderiam ser.

O relato pretende contribuir para futuros estudos acerca da interdisciplinaridade, não só nos cursos de turismo, mas de uma forma geral, pois se acredita que as dificuldades descritas não são exclusivas do curso, mas podem representar a realidade de outros. Além disso, ela não se encerra aqui. Acredita-se que muitas questões aqui levantadas são passíveis de novas análises e, conseqüentemente, novos resultados aparecerão, refletindo, quem sabe mudanças no que foi tristemente constatado por esse estudo: os docentes estão sendo largados à própria sorte e ainda devem ter um bom desempenho na atividade acadêmica.

Referências bibliográficas

ANSARAH, Marília G. R. **Formação e Capacitação do profissional em Turismo e Hotelaria: reflexões e cadastro das instituições educacionais no Brasil.** São Paulo: Aleph, 2002. – (Série turismo)



ANPTUR

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

IV Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo UAM– 27 a 28 de agosto de 2007
BARRETO, Margarita; TAMANINI, Elizabete & SILVA, Maria Ivonete Peixer da. **Discutindo o ensino universitário de Turismo**. Campinas: Papyrus, 2004.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa e interdisciplinaridade no ensino superior**. Uma experiência no curso de turismo. São Paulo: Aleph, 2002.

LEMOS, Ângela D. **A sociedade, as teorias educacionais, o ensino, do turismo e o papel do bacharel em turismo**. In: SHIGUNOV NETO, Alexandre & MACIEL, Lizete S. B. (orgs.). Currículo e formação profissional nos cursos de turismo. Campinas: Papyrus, 2002.

MATIAS, Marlene. **Turismo – Formação e profissionalização 30 anos de história**. São Paulo: Manole, 2002.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 8 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

PERRENOUD, Philippe. Construindo competências. In: Revista Nova Escola, São Paulo: Ed. Abril, nº 135/ Setembro 2000.

RODRIGUES, Gabriel Mário. **Se não foi primeira, não foi a segunda**: o desafio de implantar a Faculdade de Turismo do Morumbi no início dos anos 70. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

VASCONCELOS, Eduardo. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar**: epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.